

Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade

de bell hooks

Conhecendo bell hooks

Getting to know bell hooks

por Érika Cecília Soares Oliveira**

O feminismo não é constituído por uma única história, mas por uma multiplicidade de histórias, algo que levou Ella Shohat (Maluf e Costa, 2001) a afirmar que devemos falar em feminismos no plural, para contrapor à ideia de que possa se tratar de um monólito homogêneo. Este é um campo, pois, marcado por disputas e posicionalidades contraditórias. Em sua história oficial, o feminismo perfila-se junto a uma narrativa eurocêntrica cuja ideia central é representar mulheres lutando para se empoderar no ocidente e, posteriormente, difundir para o mundo “atrasado”. No final dos anos de 1980, o conceito de diferença foi a base de boa parte da teoria feminista multicultural sobre gênero nos Estados Unidos, o que desemboca numa crítica frontal ao feminismo gestado no centro. A categoria gênero obscurecia ou subordinava todos os outros “outros” e as feministas de países ditos periféricos reivindicavam teorias próprias, criticando os universalismos. A contribuição das mulheres não brancas, em sua maioria lésbicas, nesse período, foi inestimável no processo de reconstrução do feminismo justamente por tecerem críticas a respeito do racismo, da homofobia e do colonialismo nas teorizações das intelectuais brancas do Primeiro Mundo.

* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

** Doutora em Psicologia e Sociedade; professora adjunta substituta da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. End. eletrônico: oliveiraerika000@gmail.com

Elas propuseram uma linguagem que estivesse atenta às relações de poder presentes na sociedade (Haraway, 2004).

Dentre as feministas que participam desse cenário, encontra-se bell hooks¹ que lança, em 1994, o livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*². Quase vinte anos depois, em 2013, o livro é lançado no Brasil, trazendo contribuições extremamente atuais. A obra tem 14 capítulos e passo agora a apresentar cada um para leitora(e)s interessada(o)s no tema.

Na “Introdução: ensinando a transgredir”, a autora conta como, na época do *apartheid*, a escola frequentada por ela era um lugar fundamentalmente político, de resistência na luta antirracista. Assim, aprendeu desde muito cedo que a devoção ao estudo era um ato contrahegemônico para resistir às estratégias de colonização, o que a leva a falar em uma pedagogia anticolonial. No capítulo inicial, “Pedagogia engajada”, hooks mostra como a obra de Paulo Freire permitiu-lhe compreender as limitações do ato pedagógico que ela mesma havia tido como aluna e, ao mesmo tempo, como inspirou-se em professora(e)s que a auxiliaram a transgredir fronteiras (algo que figura no título de seu livro), incentivando-a a dar um passo além das aprendizagens que mais se parecem com a rotina de uma linha de produção. Ao apresentar o segundo capítulo, “Uma revolução de valores: a promessa da mudança multicultural”, a autora inspira-se em Martin Luther King para criar uma revolução de valores que coloque as pessoas contra os sistemas de dominação, questionando a própria universidade em seu papel de partilhar a verdade a partir de suas próprias parciaisidades. No capítulo 3, “Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural”, ela diz que as discussões sobre multiculturalismo na educação são insuficientes, sendo que muita(o)s professora(e)s perturbam-se com as implicações políticas de uma educação multicultural por temerem perder o controle da turma.

Em “Paulo Freire”, quarto capítulo do livro, hooks dedica-se a falar da influência do educador brasileiro em sua vida, o quanto sentiu-se fortemente identificada com a(o)s camponesa(e)s marginalizada(o)s e irmã(o)s negra(o)s de Guiné-Bissau, ela mesma tendo sido moradora da zona rural dos Estados Unidos. Trata-se de um “diálogo lúdico” entre Gloria Watkins e bell hooks (sua voz de escritora), um modo que encontrou para falar do educador que demonstrasse sua intimidade com o pensamento dele. Em “A teoria como prática libertadora”, quinto capítulo, hooks fala que no interior dos

¹ Pseudônimo de Gloria Watkins.

² Publicado originalmente com o título *Teaching to transgress. Education as the practice of freedom*. Ver: hooks (1994).

movimentos feministas revolucionários é preciso reivindicar continuamente a teoria dentro de um exercício de ativismo libertador, sendo necessário valorizar teorias que sejam partilhadas não apenas na forma escrita, como também na forma oral, algo que a categoria experiência pode assegurar. No sexto capítulo do livro, “Essencialismo e experiência”, aborda como aluna(o)s de grupos marginalizada(o)s têm tido suas vozes silenciadas dentro das instituições de saber. hooks define uma estratégia pedagógica que assegure, por meio de diferentes ferramentas, que essa(e)s aluna(o)s possam falar e, para tanto, traz a necessidade de que suas experiências sejam relatadas a fim de produzir novas teorizações. Experiência, neste caso, sendo considerada a partir de um ponto de vista que não se subordina aos demais tipos de conhecimento, como os científicos. Em “De mãos dadas com minha irmã: solidariedade feminista”, sétimo capítulo, encoraja de forma contundente as mulheres negras a olharem para as relações que possuem com as brancas assumindo o quanto essas estão inseridas num campo hierárquico e assimétrico de poder bem demarcado. A autora denuncia abertamente as relações de exploração praticadas pelas mulheres brancas em relação às negras, algo que se inicia com a escravidão, perpassa as relações entre patroas e empregadas e persiste ainda dentro das universidades. hooks pondera que esse tipo de relação abusiva usualmente não se dá com as mulheres brancas de classes menos favorecidas, que também vivenciam mais cotidianamente situações de opressão. No oitavo capítulo, “Pensamento feminista: na sala de aula agora”, a autora fala sobre sua experiência como professora de Estudos da Mulher e seu profundo comprometimento com a luta pela libertação negra.

No capítulo 9, “Estudos feministas: acadêmicas negras”, hooks relata que foi no período em que estava na graduação que engajou-se no movimento feminista, o que levou-a a constatar a tremenda ignorância sobre a experiência das mulheres negras. O que se falava, até então, era sobre a experiência de homens negros. Seu primeiro livro escrito “*Ain’t I a woman: black women and feminism*” tenta justamente preencher essa lacuna. O livro foi publicado anos depois, somente quando as editoras de livros feministas aceitaram que “raça” era um tema vendável dentro desse campo de estudos.

Em seu décimo capítulo, “A construção de uma comunidade pedagógica: um diálogo”, propõe uma pedagogia transfronteiriça a fim de que as diferenças sejam confrontadas e a solidariedade possa, enfim, surgir. Desse modo, para educar para a liberdade é preciso, sobretudo, desafiar o modo como se costuma pensar os processos pedagógicos. O medo de perder o respeito da(o)s aluna(o)s, segundo ela, tem desencorajado muitas(a)s professora(e)s universitária(o)s a experimentarem novas práticas de ensino. Ela dá ênfase à voz como algo a ser utilizado estrategicamente, como um ato de contar histórias sobre si mesma(o).

A sala de aula pode ser um espaço onde todas(os) têm poder, mas isso causa um medo brutal nas(os) docentes. No capítulo 11, “A língua: ensinando novos mundos/novas palavras”, hooks imagina as(os) escravas(os) ouvindo pela primeira vez o inglês, a língua das(os) opressoras(es) e depois ouvindo-a outra vez como foco potencial de resistência, algo a produzir laços. Foi justamente por meio da aprendizagem dessa língua estrangeira que africanas(os) escravizadas(os) começaram a recuperar o poder pessoal, dentro de um contexto de dominação. Em “Confrontação da classe social na sala de aula”, capítulo 12, hooks demonstra como as questões de classe são abafadas do contexto de sala de aula. Aí o que se encontra é a imposição de valores burgueses de uma determinada classe para toda(o)s a(o)s aluna(o)s. O capítulo 13, “Eros, erotismo e o processo pedagógico”, problematiza a cisão mente/corpo, abordando um tema tabu: o erótico e a paixão em sala de aula. Relata a negação costumeira de que a sala de aula seja um lugar habitado por afeto, mostrando como tanto o ensino e o aprendizado são desapaixonados no ensino superior.

Por fim, em seu último capítulo, “Êxtase: ensinar e aprender sem limites”, a autora afirma que seu compromisso com a pedagogia engajada é uma expressão de seu ativismo político. Passados vinte anos de experiência docente, ela conclui que a universidade não é um paraíso, mas o aprendizado persiste como mais uma possibilidade de modificarmos algo.

Bibliografia

- HARAWAY, Donna. (2004). Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246.
- hooks, bell (1994). *Teaching to transgress. Education as the practice offreedom*. Nova York/Londres: Routledge.
- MALUF, Sônia Weidner; COSTA, Cláudia de Lima. (2001). Feminismo fora do centro: entrevista com Ella Shohat. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 9, n. 2, p. 147-163.